



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

# **TOCAR, PEGAR, FAZER:** **a sexualidade infantil no ambiente escolar**

Irailde Dias Gonçalves

Campina Grande, 2007

Irailde Dias Gonçalves

# **TOCAR, PEGAR, FAZER:** **a sexualidade infantil no ambiente escolar**

Monografia final apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em História, sob orientação do Dr. Iranilson Buriti de Oliveira.

Campina Grande, 2007

Universidade Federal de Campina Grande  
Centro de Humanidades  
Unidade Acadêmica de História e Geografia  
Licenciatura em História

A monografia "Tocar, pegar, fazer: a sexualidade infantil no ambiente escolar", apresentada por Irailde Dias Gonçalves foi aprovada como requisito para obtenção do título de Licenciatura em História, pela comissão formada pelos professores examinadores.

---

Dr. Iranilson Buriti de Oliveira  
Orientador

---

Prof. Dr. José Elson  
Examinador

---

Ms. Eronildes Câmara Araújo  
Examinadora



Biblioteca Setorial do CDSA. Março de 2024.

Sumé - PB

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é conhecer que certas conquistas só se realizaram quando impulsionadas por aqueles que desejam nosso grande sucesso. Pois os papéis rabiscados nesta monografia não teriam sido elaborados sem ajuda de muitos que contribuíram para sua construção, discando marcos de um fazer histórico. Nesse caso, alguns foram imprescindíveis que a jornada se cumprisse.

O mérito não é somente meu, mas de um conjunto maior que na coletividade ajudou-me a construí-lo.

A cada palavra, gesto um carinho, a cada olhar um consolo, que meia todos os caminhos da palavra. Obrigada.

A Deus, razão de existir, primordial felicidade.

Aos professores que tanto contribuíram para meu sucesso, meu muito obrigada.

Aos que de uma forma ou de outra contribuíram para meu sucesso: a Ana e Rosa da Coordenação, que muitas vezes ouvia nossos desabafos. Aos funcionários do RU, pelo seu trabalho de nos servir. Ao pessoal da Xerox, por nos atender. A Salete e Olavo, por seu apoio quando estávamos sem o nosso jantar.

Aos meus colegas, que tanto falei do meu tema, sexualidade infantil, e me ouviram com atenção.

Abraço e carinho aos companheiros nas idas e vindas a Campina Grande.

A todos os meus amigos que, de uma forma ou de outra, contribuíram para realização deste trabalho.

Meu carinho especial a Iranilson Buriti e a sua família, mais que orientador, foi um amigo que, junto a sua família, viabilizou minha permanência neste curso.

Muita saudade de Rosana, João Evangelista, Joselita, Wanderléia minha irmã e companheira nos trabalhos realizados aqui na Universidade e outros, meu muito obrigada.

Finalmente, minha família, que por cinco anos, deixei sós à noite, para ir a Campina Grande realizar o meu sonho. A você Rúbia, Roab Hellosmam, Cleuson Ranniet, Dafiny Nathany minha neta que muitas vezes chorava quando eu saía e, principalmente, a Hellen Biatrice que tomava conta da casa por mim, meu muito obrigada, obrigada!

Portanto, meus sinceros agradecimentos a todos que deixaram marcas na caminhada dessa pesquisa, mesmo que de forma direta ou indireta.

Obrigada.

## ÍNDICE

Introdução .....	1
Capítulo I	
<b>O poder disciplinar da sexualidade infantil: uma forma de repressão?</b> .....	5
- O poder disciplinar e o investimento sobre o corpo .....	8
Capítulo II:	
<b>Vigiar, controlar, pedagogizar: a criança e a sexualidade</b> .....	15
- Processos de apropriação de conhecimentos! Infantil .....	17
- Infância com des(a)fios .....	21
Capítulo III:	
<b>Expressões da sexualidade infantil na escola e na comunidade</b> .....	24
Eles querem falar de sexo? .....	19
Conclusão .....	34
Bibliografia .....	36

## RESUMO

Nesta pesquisa, investigamos, sob uma perspectiva histórica, como a sexualidade infantil tornou-se uma problemática a partir da emergência da sociedade moderna, ou seja, a criança passou a ser vista socialmente como alguém que deve ser analisado e estudado por diferentes saberes disciplinares (psicológicos, pedagógicos, pediátricos, sociológicos, dentre outros). Nota-se a constituição de um discurso que vem permeando a política pedagógica dos trabalhos desenvolvidos na área de educação [sexual] e ganhado visibilidade cada vez mais na academia. Para tanto, estudamos a sexualidade infantil através da influência teórico-metodológica do filósofo francês Michel Foucault, que nos informa como se construiu um arquivo de conhecimento sobre a sexualidade que transforma o ser infantil num indivíduo classificado por diferentes campos de saber. Entende-se a sexualidade como um dispositivo do poder, o qual não se concentra em um só ponto da sociedade, mas está presente em todas as relações, entre homens e mulheres, alunos e professores, médicos e pacientes, governo e população. A emergência da educação escolar, pode-se dizer, encontra-se nessas concepções. Ainda neste trabalho, procuraremos analisar as concepções médico-higienistas, influenciadas pela medicina social do século XVIII, e sua atuação em torno da sexualidade. Enfim, este trabalho é uma reflexão de como a sexualidade infantil vem sendo construída no âmbito escolar e os diálogos (ou monólogos) que ocorrem em torno dela.

Palavras-chave: infância, sexualidade, escola.

“O amor é o sentimento dos imperfeitos, posto que a função do amor é levar o ser humano à perfeição.”

Aristóteles

## INTRODUÇÃO

Nesta monografia, iremos nos reportar sobre a problemática da “sexualidade infantil”, tendo em vista que atualmente é uma discussão polêmica que merece atenção especial. A temática está vinculada ao olhar historiográfico dos estudos da sexualidade infantil, ao lado de temas pouco visíveis e dizíveis na academia, tais como a história do amor, da maternidade, do casamento, das relações de gêneros, da morte, dentre outros.

O interesse pelo tema “sexualidade infantil” deve-se ao desconforto que a presença dessa temática ainda causa no contexto escolar. Enquanto graduanda em história e professora, procurei lançar um olhar sobre esta questão, revistando os lugares que a escola de ensino fundamental dispensa à sexualidade infantil. Algumas leituras preliminares nas áreas em estudos permitiram-nos perceber que essa discussão vem sendo apreciada por alguns filósofos/historiadores. O questionamento quanto ao silêncio, a busca de respostas para o mesmo e as reflexões advindas desse contato inicial com a literatura específica, despertaram-nos o desejo de entender como se deu a construção da sexualidade do indivíduo pela naturalização das diferenças entre os sexos.

É por essas razões que um estudo a partir das literaturas de filósofos/historiadores é de valor significativo para o crescimento intelectual. É certo que não entendia Michel Foucault (e continuo com muitas lacunas ainda), mas o mesmo foi nos apresentado de uma forma bastante didática pela professora Nilda, na disciplina Complementação da Prática. Com esse filósofo, percebemos que a sexualidade é uma construção. Essa informação foi reveladora para nós, pois até então pensávamos que já nascíamos com uma sexualidade dada naturalmente. Dessa forma, lançamos a difícil tarefa de pesquisar a (nossa) sexualidade. É que a sexualidade do homem ainda é apresentada na educação sexual escolar como uma manifestação anato-biológica que precisa ser controlada e disciplinada, porém (re)velada sob um ponto de vista higienista, moral, religioso, psicológico. O homem é apresentado como constituído por partes (sexuais). E o sexo a ser (re)velado como segredo. (BONATO, 1996, p 13.).

Desde o século XVIII, o sexo não cessou de provocar uma espécie de erotismo discursivo generalizado. E tais discursos sobre o sexo não se multiplicaram fora do poder ou contra ele, porém lá onde ele se exercia e com o meio para seu exercício; criaram-se em todo o canto incitações a falar; em toda parte, dispositivos

para ouvir e registrar, procedimentos para observar e reformular. Quanto mais escondia-se o sexo, mais ele aparecia, emergia, ganhava corpo e voz. Ao tentar escondê-lo, ele surgiu com mais força. Crianças demasiadamente espertas, meninos precoces, colegiais ambíguos, serviçais e educadores duvidosos, maridos cruéis ou maníacos, colecionadores solitários, transeuntes com estranhos impulsos: eles povoam os conselhos de disciplina, as casas de correção, as colônias penitenciárias, os tribunais e asilos; leva aos médicos sua infância e aos juizes suas doenças, aos professores sua moral, aos orientadores de trabalhos monográficos um problema!

Desde então, foi atacada a sexualidade das crianças e foram perseguidos seus "hábitos solitários". É evidente que não se trata do mesmo mecanismo de poder, não somente porque aqui comparece a medicina e lá a lei, aqui há adestramento, lá penalidade; e, também, porque a tática instaurada não é a mesma. O "vício" da criança não é tanto um inimigo, mas um suporte; pode-se muito bem designá-lo como o mal suprimido. O necessário fracasso, a extrema obstinação numa tarefa tão inútil leva a pensar que se deseja que ele persista e prolifere até os limites do visível e do invisível, ao invés de desaparecer para sempre.

A colocação do sexo em discurso, de que falamos anteriormente, a disseminação e o reforço do depósito sexual são, talvez, duas peças de um mesmo dispositivo; articulam-se nele graças ao elemento central de uma confissão que obriga à enunciação verídica da singularidade sexual- por mais extrema que seja. Durante séculos a verdade do sexo foi encerrada, pelos menos quanto ao essencial, nessa forma discursiva. E não na do ensino (a educação sexual se limitou aos princípios gerais e as regras de procedência); não na da iniciação (que permaneceu, quanto ao essencial, na prática muda que o ato de tirar a inocência ou deflorar só torna visível ou violenta). Vê-se, assim, que é uma forma que não poderá estar mais longe daquela que rege a "arte erótica".

Ao tratar do tema Sexualidade Infantil, busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa desde cedo no ser humano, mas iremos estudá-la não como algo dado, mas elaborado discursivamente.

Tentaremos problematizar que a infância não é só uma fase de crescimento físico, mas sobretudo aquela fase em que o indivíduo toma posse de seus instrumentos para viver. É a época do desabrochamento em todos os setores da vida. Fase decisiva na história de cada vida e que são as primeiras experiências que formam a base do caráter, do equilíbrio emocional e do sadio relacionamento

interpessoal. Todos esses desenvolvimentos são marcos no caminho que leva à maior realização de vida na infância.

A preocupação com a valorização da criança em todos os sentidos, com o respeito a sua particularidade; como ser que tem vontade própria é diferente da dos adultos constitui um dos principais pontos propostos pela educação, a fim de conceder orientações aos futuros cidadãos que emergem num mundo sem limites de uma sociedade transformadora de atitudes imprevisíveis. Esta valorização especial também pode ser explicada pela não-aceitação de uma necessidade objetiva inelutável inscrita no desenvolvimento histórico.

Foi assim pensando, que arquitetamos esta pesquisa em três capítulos: o primeiro abordará o “Poder disciplinar da sexualidade: uma forma de repressão?”, observando como o poder disciplinar atua sobre a prática da sexualidade infantil, como concepção higienista. No segundo, fizemos uma explanação sobre vigiar, controlar, pedagogizar a criança e a sexualidade, desde seu nascimento, mapeando os trajetos da educação velada sobre a infância. No terceiro capítulo, apresentamos as “expressões da sexualidade na escola e comunidade” como a construção de um cidadão “sadio” para a sociedade moderna. Convidamos, portanto, o leitor a velar e desvelar a (sua) sexualidade infantil.

## CAPITULO I

### O poder disciplinar da sexualidade infantil: uma forma de repressão?

...Vigiai, pois, visto que não sabeis quando o Senhor da casa voltará; se à tarde, à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã: para que, vindo de repente, não vos encontre dormindo. O que vos digo, digo a todos: Vigiai!

Marcos 13: 35-37

## CAPÍTULO I

### O PODER DISCIPLINAR DA SEXUALIDADE INFANTIL: UMA FORMA DE REPRESSÃO!

Constituindo a infância em objeto privilegiado da convergência de suas práticas, o poder médico procurou legitimar-se como tal, demonstrando para toda a sociedade a necessidade insubstituível de sua intervenção como orientador das famílias e como conselheiro da ação governamental.

De hoje em diante fiscais sabendo que a higiene é a parte da medicina que cuida da saúde das pessoas, estabelecendo as regras do modo de viver com cuidados imprescindíveis, sobre a habitação, a alimentação, o vestir, o dormir, a educação, etc.

Dr. Moncorno Filho, 1901.

A historiografia demarca o século XVII como o início de uma época de repressão própria das sociedades chamadas burguesas, e da qual, talvez, ainda não estivéssemos completamente liberados. Denominar o sexo seria, a partir desse momento, mais difícil e custoso, ou seja, não era comum se falar de sexo. Como se, para dominá-lo no plano real, tivesse sido necessário, primeiro reduzi-lo ao nível de linguagem, controlar sua livre circulação no discurso, bani-los das coisas ditas e extinguir as palavras que tornam de presente de maneira demasiado sensível. Dir-se-ia mesmo que essas interdições temiam chamá-lo pelo nome. Sem mesmo ter que dizê-lo, o pudor moderno obteria que não se falasse dele, exclusivamente por intermédio de proibições que se completam mutuamente: mutismos que, de tanto calar-se impõe o silêncio e a censura. (Foucault. História da Sexualidade, vontade, saber. p 21)

Ora, considerando-se esses três últimos séculos em suas contínuas transformações, as coisas aparecem bem diferentes: em torno e a propósito do sexo há uma verdadeira explosão discursiva. É preciso ficar claro. Talvez tenha havido uma depuração - e bastante rigorosa - do vocabulário autorizado. Pode ser que se tenha codificado toda uma retórica da alusão e da metáfora. Novas regras de decência, sem dúvida alguma, filtraram palavras: polícia dos enunciados. Controle também das enunciações: definiu-se de maneira muito mais estrita onde e quando não era possível falar dele; em que situações entre quais locutores, em que relações sociais, estabeleceram-se, assim, regiões, senão de silêncio absoluto, pelo menos

de fato e descrição: entre pais e filhos, por exemplo, ou educadores e alunos, patrões e serviçais. É quase certo ter havido aí uma economia restrita. Ela se entrega nessa política de língua e de palavras - espontânea por um lado e deliberada por outro - que acompanhou as redistribuições sociais da época clássica.

Em compensação, no nível dos discursos e de seus domínios, o "fenômeno" é quase inverso. Sobre o sexo, os discursos - discursos específicos, diferentes tanto pela forma como pelo objeto - não cessaram de proliferar: uma fermentação discursiva que se acelerou a partir do século XVIII, conforme asseverou Foucault em *História da Sexualidade*.

A conquista deste novo domínio de saber, o objeto - infância, abriu as portas da casa para a interferência deste corpo de especialistas, os médicos higienistas, no interior da família. Através de três eixos - privilegiados de preocupação - a elevada taxa de mortalidade infantil, o problema do menor abandonado e a necessidade da figura do médico na medicalização da família, considerada como célula básica do corpo social desde o século XVIII - o poder médico defendeu a higienização da cultura popular, isto é a transformação dos hábitos cotidianos do trabalhador e de sua família e supressão de crenças e práticas qualificadas como primitivas, irracionais e nocivas. Sobretudo em relação aos cuidados com a criança e o recém-nascido, domínio até então reservado às mulheres, às práticas tradicionais transmitidas oralmente, sem a intervenção dos médicos, foram desautorizados como supersticiosos, selvagens e infundadas. Assim, a criança foi percebida pelo olhar disciplinar, atento e intransigente, como elemento de integração, de socialização e fixação indireta das famílias pobres, e isto antes mesmo de afirmar-se como necessidade econômica e produtiva da nação.<sup>1</sup>

Conforme Buriti (2004), na empresa de constituição da família nuclear moderna, higiênica e privativa, a redefinição do estatuto da criança pelo poder médico, desempenhou um papel fundamental. De uma posição secundária e indiferenciada em relação ao mundo dos adultos, a criança foi paulatinamente separada e elevada a condição de figura central no interior da família, demandando um espaço próprio e atenção especial: tratamento e alimentação específicos, vestuário, brinquedos e horários especiais, cuidados fundamentados nos novos saberes racionais da pediatria da puericultura, da pedagogia e da psicologia.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Michel Foucault. *Microfísica do Poder*, R I Graol, 1979, p. 198.

<sup>2</sup> BURITIL, Iranilson. "Fora da higiene não há salvação."

Foi a partir do século XVIII que a diferença entre os séculos começa a tomar sentido, ganhando espaço nas discussões de médicos e de higienistas. Toda uma cadeia lingüística vai contribuir para a fixação dessas contingências históricas. “É, portanto a linguagem a argamassa construtora dos sentidos e paradoxalmente responsável pela transitoriedade” (Costa, 2000, p 4).

A naturalização dos conceitos de feminino e masculino é resultado de seu reconhecimento e ignorância quanto a arbitrariedade, o que Bourdieu vai chamar de Poder simbólico<sup>3</sup> (BOURDIEU, 2000). Essas construções se subjetivam através da linguagem, comportamentos e forma de utilização dos corpos, bem como os estilos de vida e cultura que massificam comportamentos. O poder perpassa e cristaliza padrões reconstruídos porque são históricos e transitórios, como bem afirma Jurandir Freire Costa, ao enfatizar que sujeito é tessitura “que ganha os contornos históricos em respostas aos estímulos ambientais, chamados de mudanças subjetivas”. Para Costa (1995, p 3), as identidades “como reações são fixações... estabelecidas a contingências pessoais e históricas”; são subjetivações cristalizadas pela nossa crença nesta dicotomia.

Mas Pierre Bourdieu (1999), aborda as questões de permanências e mudanças (constatadas ou desejadas) da ordem sexual. Ele chama a atenção para o que denomina violência simbólica<sup>4</sup> exercida pelas vias “da comunicação do conhecimento”. O autor reflete sobre as reformas de inculcação dessa dominação que transforma o instituído socialmente, ou seja, arbitrário cultural.

Realmente, as sexualidades múltiplas - as que aparecem com as idades (sexualidade do lactante ou da criança), as que se fixam em gostos ou práticas (sexualidade do invertido, do gerontófilo, do fetichista...), as que invertem difusamente no relacionamento (sexualidade da relação médico-paciente, pedagogo-aluno, psiquiatra-louco), as que habitam os espaços definidos (sexualidade do lar, da escola, da prisão) – todos constituem o correlato de procedimentos precisos de poder. Não se deve imaginar que todas essas coisas (até então toleradas) tenham chamado a atenção e recebido uma qualificação pejorativa quando se quis atribuir um papel regulador exclusivamente ao tipo de sexualidade susceptível de reproduzir a força do trabalho e a formada família.

---

<sup>3</sup> BOURDIEU chama de Poder Simbólico aquele que infiltra nos meandros sociais, e se institucionaliza estruturado por aqueles que têm autoridade para tal e reafirmado pelos que reconhecem esta autoridade num processo denominado de subjetivação.

<sup>4</sup> “Dominação de uma classe sobre outra”. Ou no caso, de um sexo sobre o outro. Ver Pierre Bourdieu O poder Simbólico.

Tais comportamentos polimorfos foram, realmente, extraídos do corpo dos homens, de seus prazeres; ou melhor, foram consolidados neles; mediante múltiplos dispositivos de poder, foram solicitados, instalados, isolados, intensificados, incorporados. O crescimento das perversões não é um tema moralizador que acaso tenha obcecado os espíritos escrupulosos dos vitorianos<sup>5</sup>. É o produto real da interferência de um tipo de poder sobre os corpos e seus prazeres (FOUCAULT, 1997, p. 47).

Existem, evidentemente, muito outros procedimentos de controle e de delimitação do discurso. Aqueles que até agora exercem de certo modo do exterior, funcionaram como sistemas de exclusão; concernem, sem dúvida, à parte do discurso que põe em jogo o poder e o desejo. Pode-se, creio eu, isolar outro grupo de procedimentos. Procedimentos internos, visto que são os discursos eles mesmos que exercem seu próprio controle, procedimentos que funcionam, sobretudo, a título de princípios de classificação, de ordenação, de distribuição, como se tratasse, desta vez, de submeter outra dimensão do discurso: a do acontecimento e do acaso (FOUCAULT. 1996, p. 21) Trata-se da separação entre a loucura e a razão na época clássica. Mais tarde, poderíamos procurar analisar um sistema de interdição de linguagem: o que concerne à sexualidade desde o século XIX; tratar-se-ia de ver não sem dúvida, como ele progressivamente e felizmente se apagou; mas como se deslocou e como se rearticulou a partir de uma prática da confissão em que as condutas, proibidas eram nomeadas, classificadas, hierarquizadas, e da maneira e mais explícita, até a aparição inicialmente bem tímida, bem retardada, da temática sexual na medicina e na psiquiatria do século XIX; não são estes senão marcos um pouco simbólicos, ainda, mas se pode desde já apostar que os atos não são aqueles que se crê, e que as interdições não ocuparam sempre o lugar que se imagina (FOUCAULT. 1996. p. 21, 61).

Seria difícil e abstrato, em todo o caso, empreender este objeto de estudo sem analisar ao mesmo tempo os conjuntos dos discursos literários, religiosos ou éticos, biológicos e médicos, jurídicos igualmente, nos quais se trata da sexualidade e, particularmente da sexualidade infantil, nos quais esta se acha nomeada, descrita, metaforizada, explicada, julgada. Estamos muito longe de haver constituído um discurso unitário e regular da sexualidade, talvez não cheguemos nunca a isso e, quem sabe, não estejamos indo nessa direção.

---

<sup>5</sup> “Dominação de uma classe sobre outra”. Ou no caso, de um sexo sobre o outro. Ver Pierre Bourdieu O poder Simbólico.

## O poder disciplinar e o investimento sobre o corpo

Foucault faz suas contribuições pelas análises dos “educadores radicais”<sup>6</sup> que, ao longo das duas últimas décadas, tem percorrido a produção reflexiva de filósofos e cientistas sociais “em busca de pistas que possibilitem constituir uma conta-ofensiva às formas de teorização e prática educacionais impregnadas do reducionismo que caracteriza a lógica implacável dos argumentos neoliberais” (FOUCAULT, 1996, p15)

O que faço são alguns recortes – os que considero, digamos, os mais úteis e “operacionais” – para esboçar um panorama mais ou menos próprio para meu intento. Os seres humanos se tornam sujeitos de diferentes modos.

Poder-se-iam citar outros exemplos que, a partir do século XVIII ou do século XIX, entraram em atividade para suscitar os discursos sobre o sexo. Inicialmente, a medicina, por intermédio das “doenças dos nervos”; em seguida a psiquiatria, quando começa a procurar – do lado da “extravagância”, depois do onanismo, mais tarde da insatisfação e das “fraudes contra a procriação”, a etiologia das doenças mentais e, sobretudo, quando anexa ao seu domínio exclusivo, o conjunto das perversões sexuais; também a justiça penal, que por muito tempo ocupou-se da sexualidade, sobretudo sob forma de crimes “cropulosos” e antenaturais, mas que, aproximadamente na metade do século XIX se abriu a jurisdição miúda dos pequenos atentados, dos ultrajes de pouca monta, das perversões sem importância, enfim, todos esses controles sociais que se desenvolveram no final do século passado e filtram a sexualidade dos casais, dos pais e filhos, dos adolescentes perigosos e em perigo – tratando de proteger, separar e prevenir, assinalando perigos em toda parte, despertando as atenções, solicitando diagnósticos, acumulando relatórios, organizando terapêuticas; em torno do sexo eles irradiaram os discursos, intensificando a consciência de um perigo incessante que constitui, por sua vez, incitação ao se falar dele. (FOUCAULT, 1997, p. 32).

Neste mesmo estudo, para argumentar em favor do caráter constituído da identidade do sujeito infantil, algo se constitui no entrecruzamento de muitos discursos e que, portanto, não detém uma essência, Goulart (2000) nos apresenta a uma outra criança, completamente distinta desta que é descrita em relações

<sup>6</sup> Expressão corrente utilizada para identificar os/as pesquisadores e pesquisadoras que vêm atuando, aproximadamente, desde a década de 80, inspirados no que denominamos Teoria Educacional Crítica.

circunstanciada. Ela contrasta a criança escolar dos catálogos com aquela que é inventada pelos discursos da revista *Veja Kid +*. A primeira, uma criança dependente dos adultos, necessita de proteção, imatura, em constante devir, que se desenvolve em etapas e que necessita de disciplina – a criança escolar moderna. A segunda, uma criança contemporânea, plurifacetada, desconcertante, independente, que transita simultaneamente pelos ditos mundos infantil e adulto, é apresentada no “dia da criança” com um pôster contendo uma visão frontal da bunda da tiazinha, o que afasta, desde logo, sua aproximação com os consagrados atributos da inocência e imaturidade.

A questão a ser problematizada é entender como a sexualidade do ser infantil vem sendo construída no pensamento dos filósofos e historiadores, como a sexualidade está escrita nos documentos históricos, e como vem surgindo ao longo de muitos séculos, suas diferenças e transformações. Discutir os vários temas em relação à criança, à violência, à desobediência infantil, a luta pela liberdade do seu eu, a sexualidade, principalmente a infantil.

Neste sentido, a sexualidade é como um artefato cultural produzido para a sociedade moralista, com preocupação em preservar o sexo como um tabu. Compreender a sexualidade como uma construção histórica, é problematizar diante das diferenças existentes no meio social e comunidade escolar, no qual professores e comunidade não estão preparados para lidar com este tipo de questionamento.

Este poder apresenta características organizadoras no tempo e espaço do corpo enquanto instrumento de desejo e prazer, lugar de sensações, corpo que trabalha tem de ser controlado, disciplinado.

O que vai determinar o modo como os pais lidarão com a sexualidade emergente de seu(s) filho(s) é não apenas a linguagem que guardam dentro de si, composta pelas próprias experiências, como também a formação moral que receberam. Sobretudo a habilidade de cada membro da família tem para se comunicar desempenhará um papel importante nessa questão. É primordial que os pais e filhos possam dialogar sobre sexo, não só porque os pais, em sua maioria, esperem que os filhos possam se comportar dentro dos valores que eles adotam, mas também porque os filhos necessitam receber informações. Quando sexo se transforma em tabu e há falta de tato e repressão nessa área, os filhos tenderão a vivenciar sua própria sexualidade com essas limitações.

Na prática, isso nem sempre é tranquilo para muitas famílias, as perguntas, observações ao adulto, as "brincadeiras de médico", é mesmo na adolescência que o indivíduo poderá começar suas próprias experiências sexuais. O início de uma prática sexual antes ou depois do casamento estará, portanto, condicionado a esses fatores. Encontrar o ponto ideal para cada pessoa não é sempre uma tarefa fácil. O diálogo sobre sexo (tal como também sobre outros temas) e a conversa mais aberta podem ser os principais recursos para uma aprendizagem entre pais e filhos. O movimento de libertação sexual é superficial, pois, no fundo, pais e filhos ainda encontram muita dificuldade para conversar sobre o tema. A compra do primeiro pacote de absorventes, o informar sobre contraceptivos, a primeira consulta ao ginecologista ou ao urologista, tal como também todas as outras necessidades subsequentes, são vividas, ainda, com frequência, com bastante ansiedade.

Assim, entre um pólo (a total abstinência) e outro (a prática sexual sem restrições) existem muitas matrizes possíveis. Decidir qual é o seu limite – suas possibilidades de restrições sexuais – dependerá de suas condições pessoais. (Dias, 1992, p.37-40). Namorar é prazeroso e é uma experiência importante para que se chegue a uma relação de casal madura, provedora e instável, no futuro.

A cultura, o conhecimento, a sabedoria acumulada por uma sociedade se transmitem de uma geração a outra, uma grande parte, por intermédio da linguagem falada ou escrita.

De um ponto de vista evolucionista, o fato importante sobre a linguagem é a que ele torna aprendizagem cumulativa de geração em geração e entre os indivíduos de uma mesma geração. Todos podem ficar sabendo muito mais do que possivelmente aprenderiam por experiência direta. Conhecimento e insensatez, habilidades e superstições, tudo começa igualmente a se acumular, e a evolução cultural assume um ritmo que deixa bem para trás a evolução biológica. (MUSSEN, 1997, p. 212).

Os motivos sexuais incluem muitos tipos de desejos relacionados às sensações de prazer, geralmente genitais: a masturbação e a brincadeira sexual ocorrem em crianças muito pequenas de ambos os sexos, mas a estimulação erótica dos genitais intensificam-se no período escolar. Muitas crianças descobrem que a estimulação dos genitais produz sensações de prazer, podendo então praticar algumas espécies modificadas de masturbações (tocar e manipular os genitais) durante estes anos. Muitos pais de classe média, na cultura ocidental, acham que

devem suprimir os sinais de atividade, interesse ou curiosidade sexual em seus filhos, surrando-os ou repreendendo-os se os descobrem se masturbando ou correndo nus pela casa. Se isto acontecer, os genitais poderão tornar-se foco de conflitos, porque provém sensações de prazer únicas e, ao mesmo tempo, evocam a antecipação de punição e de ansiedade.

A punição de atividade ou de curiosidade sexual precoce pode se constituir na principal fonte de ansiedade, equívocos e atitudes prejudiciais perante o sexo, tanto em adolescentes como em adultos. Esses efeitos adversos poderiam ser evitados se os pais abordassem franca e realisticamente a curiosidade sexual da criança comportando-se com a maturidade ou sem reticências frente a perguntas ou, por outro lado, sem sufocar a criança com informações desnecessárias.

Pode acontecer ou não em relação a uma pessoa ou em um momento do ciclo vital que pode conferir ao fato uma importância decisiva para a relação da criança com ela mesma, com o sexo, com o mundo. Se ocorrer, poderá exigir do psicanalista muitos meses de reconstrução, durante os quais nenhum diagrama normativo lhe será útil, porque esse item da conduta diz respeito a uma área do corpo ricamente dotada de determinações nervosas e meticulosamente provida de conotações pela relação do meio ambiente.

Foucault coloca toda ênfase na busca do entendimento acerca dos processos pelos os quais os indivíduos se tornam sujeitos como resultado de um intrincado processo de objetivação que se dá no interior de redes de poderes, que os capturam, dividem, classificam. Vigiar e punir é considerado o marco inaugural da sua fase genealógica – uma fase que ele mesmo dominou “a segunda parte de meu trabalho” (FOUCAULT, 1995, p. 231).

Depois dessas discussões sobre o poder disciplinar, vejamos como Foucault tematizou sobre um novo tipo de poder, o biopoder, ou seja macóbrico, que apareceu no final do século XVIII. Tomando o corpo coletivamente, num conjunto de corpos, a população; mas agora trata-se, ao contrário do poder disciplinar, de um corpo com uma multiplicidade de cabeças.

Não se trata da substituição de um poder por outro, pois o biopoder até mesmo precisa das técnicas disciplinares, mas ele se coloca numa “outra escala, tem outra superfície de suporte e é auxiliado por instrumentos totalmente diferentes” (FOUCAULT, 1999, p. 289). Trata-se de um poder que se aplica à vida dos indivíduos; mesmo que se fale nos corpos dos indivíduos, o que importa é que tais

corpos são tomados naquilo que eles têm em comum: a vida, o pertencimento a uma espécie. Se o poder disciplinar fazia uma anáto-política do corpo, o biopoder faz uma biopolítica da espécie humana. Trata-se de uma biopolítica porque os novos objetos de saber que se "criam" a serviço do novo poder destinam-se ao controle da própria espécie; e população é o novo conceito que se cria para dar conta de uma dimensão coletiva que, até então, não havia sido uma problemática no campo dos saberes.

Todas essas questões serão problematizadas nos próximos capítulos, através de discursos criados por filósofos e historiadores que refletem no cotidiano elaborado por pessoas que se remetem à visibilidade do gênero.

## CAPITULO II

### Vigiar, controlar, pedagogizar: a criança e sexualidade

O que é próprio das sociedades modernas não o terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como segredo.

(Foucault, 1993, p. 36)

## II CAPITULO

### VIGIAR, CONTROLAR, PEDAGOGIZAR: A CRIANÇA E A SEXUALIDADE

Ao fazer a introdução desse segundo capítulo, é preciso saber inicialmente que esta é uma pesquisa bibliográfica. Desta maneira, não existe um “campo” de pesquisa delimitado, entendido enquanto espaço físico, geográfico, cultural ou social; é centrada de um lado, na investigação do pensamento de alguns autores que tratam da questão da sexualidade, principalmente infantil. A delimitação espacial é outra: a geografia do discurso, as narrativas culturais que instituem um lugar para a infância e para o seu sexo/sexualidade.

Sem dúvida, o pensamento Foucaultiano não é a única possibilidade de se discutir a questão da sexualidade, mas suas análises são significativamente representativas e inovadoras no “olhar” sobre a temática, sexualidade infantil, sem serem, contudo, definitivas. Nesse sentido, com referencia a sua obra histórica da sexualidade: a vontade de saber. Foucault faz a seguinte colocação: não quis dizer “eis o que eu penso”, pois ainda não estou bem seguro do que fomentei.

“A sexualidade” é o correlato dessa prática discursiva desenvolvida lentamente, , que é a “scientia sexualis”. As características fundamentais dessa sexualidade não traduzem uma representação mais ou menos confundida pela ideologia, ou desconhecimento induzido pelas interdições; correspondem às exigências funcionais do discurso que deve produzir sua verdade. No ponto de intersecção de uma técnica de confissão e uma discussividade científica, lá onde foi preciso encontrar entre elas alguns grandes mecanismos de ajustamento (técnica de escuta, postulado e casualidade, principio de latência, regra de interpretação, imperativo de medicação), a sexualidade foi definida como sendo, “por natureza” um domínio penetrável por processos patológicos, solicitando, portanto, intervenções terapêuticas ou de normalização; um campo de significação a decifrar; um lugar de processos ocultos por mecanismos específicos; um foco de relações causais infinitas, uma palavra obscura que é preciso, ao mesmo tempo, desencavar e escutar. A história da sexualidade – isto é, daquilo que funcionou no século XIX como domínio de verdade específica – deve ser feita, antes de mais nada, do ponto de vista de uma historia dos discursos.

E é necessário perguntar se, desde o século XIX – e sob o fardo de seu positivismo descente a “scientia sexualis” não funciona, pelo menos em algumas se

suas dimensões, como na “arte erótica”. Esta produção de verdade, mesmo intimidada pelo modelo científico, talvez tenha multiplicado, intensificado e até criado seus prazeres intrínsecos. Diz-se, freqüentemente, que não fomos capazes de imaginar novos prazeres. Pelo menos, inventamos um outro prazer: o prazer da verdade do prazer, prazer de sabê-la, exibi-la, descobri-la, de fascinar-se ao vê-la, dizê-la, cativar, de confiá-la secretamente, desalojá-la por meio de astúcia; prazer específico do discurso verdadeiro sobre o prazer. Não é no ideal de uma sexualidade sã, prometida pela medicina, nem no sonho humanista de uma sexualidade completa e realizada, nem muito menos no lirismo do organismo e nos bons sentidos de uma bioenergia, que se devem procurar os mais importantes elementos de uma arte erótica vinculada ao nosso saber sobre a sexualidade (nesses casos, trata-se apenas, de sua utilização normatizadora); e sim, na multiplicação dos prazeres ligados à produção da verdade sobre o sexo.

Todos nós sofremos uma amnésia infantil, isto é, comumente esquecemos, à medida em que crescemos, os interesses sexuais de nossa infância. É mais exato dizer que as lembranças de tais interesses são energeticamente reprimidos, não aflorando ao nível da consciência. Neste nível, a criança pode representar o mundo por símbolos, abstratamente, sem necessidade do uso de ação ou de imagens, e já está apta a traduzir a experiência em linguagem e a receber mensagens verbais do adulto. A personalidade do adulto é grandemente afetada pelas experiências emocionais da infância ou, em outras palavras, pela qualidade da interação entre a criança e os adultos significativas para ela. É neste período que cada um assumirá sua identidade sexual para toda a vida.

A colocação do sexo em discurso fez com que em vez de fazê-lo se retrair, o tenha incitado a aparecer, a falar de si. Para Jurandir F. Costa, o Ocidente não escondeu a verdade sobre o sexo:

Escondido, o sexo? Escamoteado por novos poderes, mantido sob o alqueire pelas normas exigências da sociedade burguesa? Incandescente, ao contrário, Foi colocado, já há várias centenas de anos, no centro de uma formidável “petição do saber”. Dupla petição, pois somos forçados a saber a quantos anda o sexo, enquanto que ele é suspeito de saber a quantos andamos nós. (COSTA, 1999, p. 15)

Ora, o que mais se ouve falar em nossos dias é que há uma supressão sobre o sexo. A literatura é farta, a dura realidade é explícita dos casos que se vê

acontecer com o corpo, sendo mecanizado por influencia do mercado e por necessidade do ser.

Por tudo isso, a sexualidade não escapou, da observação da higiene, e os costumes soltos voltam-se para dentro de casa. No dizer de Foucault:

A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E observa-a inteiramente, na sociedade da função de reproduzir. (FOUCAULT, 1990, 29).

A vida é, assim, uma luta tremenda entre o “prazer” e a “sociedade”. A vitória da personalidade está na edificação bem orientada do Eu para poder resistir às investidas cegas da libido. Encaminhar a libido pela educação nacional, sem “choques”, deixá-la progredir pela vontade, destilada aos poucos, segundo as exigências da mente em formação, é tudo. Do contrário, surgem as repressões e com elas a regressão da libido aos pontos por está fixados nos primeiros anos de nossa existência infantil.

### **“Processos” de apropriação de conhecimento Infantil**

A sexualidade infantil começa, às vezes, antes dos três anos. Tem como ponto de partida a diferença dos sexos, quando o menino vê pela primeira vez os órgãos sexuais da irmã, começa a negar o testemunho de seus sentidos. Mais tarde realçado, assustado, a revelação “proibida”, e começa a sentir os efeitos de determinadas ameaças que lhe foram dirigidas quando maior relação ao sexo oposto. Nesta ocasião cai sob o domínio do processo de castração\*, cuja constituição influirá no caráter, se continua possuindo saúde, sobre a neurose, se por ventura a contrair; sobre as resistências, se for submetido ao tratamento. Outra faceta interessante da sexualidade infantil é o problema do nascimento. A criança quer saber como vem e de onde vem. Esta pergunta varia muito, segundo os países, são várias respostas, que acarretado de erros de crenças leva a perda da virgindade.

---

\* Complexo de castração – quero mostrar que o emaranhado, difícil de solução; (psicol.) recalque que se manifesta por associação emocional de fatores mentais que se subtraíram ao governo consciente, mantendo existência particular, perturbando ou estimulando as realizações conscientes: - de Édipo; (Psican) rivalidade inconsciente com o pai em consequência de amor do filho dedicado à mãe - de Erectra; (Psican.) hostilidade de filha contra a mãe por ciúme em relação ao pai – de inferioridade: (Psicol.) sentimento de insuficiência; - de superioridade; é o que leva o individuo a julgar-se superior sem o ser. – ato de castrar.

As premissas destes processos ficam, porém, subtraídos à consciência pelo seu caráter inconfessável. Mas tarde, o indivíduo acha-se ante o grande sacrifício de desligar-se de seus pais e só depois de vencer esse sacrifício poderá deixar de ser criança para vestir-se em membro da sociedade. A sexualidade, assim como a inteligência, será construída a partir das possibilidades individuais e de sua interação com o meio e a cultura. Os adultos reagem, de uma forma ou de outra, os primeiros movimento exploratórios que a criança faz em seu corpo e os jogos sexuais com outras crianças. As crianças recebem então, desde muito cedo, uma qualificação ou “julgamento” do mundo adulto que está imersa, permeado de valores e crenças que são atribuídos à sua busca de prazer, o que comporá a sua vida psíquica. (Curso de Introdução a Relações Públicas Humanas e Psicologia. Pronor – Freud, 2001).

A sexualidade, como possibilidade e caminho de alongamento de nós mesmos, de produção de vida e de existência, de gozo de boniteza, exige de nós essa volta cútico-amorosa, essa busca de saber de nosso corpo. Não podemos está sendo, automaticamente, no mundo e com o mundo, se nos fecharmos medrosos e hipócritas aos mistérios de nosso corpo ou se os tratamos, aos mistérios, cínica e irresponsavelmente. (Paulo Freire, 2000, p. 46. Apud TOGNOZZI, s/ ano)

Apesar de nunca se ter falado (e visto!) tanto sobre sexo e sexualidade, nunca se viveu, do mesmo modo, tanta polemica, distorções, dúvidas e constrangimentos quando esse é o tema.

Enfim, estamos lado a lado com nossas crianças, consumindo sexo por meio de revistas, filmes, programas infantis ou não, por meio da música e da dança e literalmente paralisamos desconcertados quando elas nos abordam diretamente sobre o tema que é sempre assumido como “assunto delicado, melindroso e difícil”.

Por que tanto constrangimento por parte dos adultos? Porque tanta vergonha e falta de recursos internos para reagir positivamente às perguntas e manifestações da sexualidade infantil? Por que reações omissas ou mentirosas que vão do “fingir que não ouvi e vi” as ameaças de que a criança vai “se machucar ou pegar bichinhos e sujeira se colocar a mão lá ou se beijar na boca”? (BORGES. p. 47, 48)

Nessa exploração do próprio corpo, na observação do corpo de outros, e a partir das relações familiares é que a criança se descobre num corpo sexuado do menino ou menina. Preocupa-se então mais intensamente com as diferenças entre os sexos, não só as anatômicas, mas também com todas as expressões que

caracterizam o homem e a mulher. A construção do é pertencer a um ou outro sexo se dá pelo tratamento diferenciado para meninos e meninas, inclusive nas expressões diretamente ligados à sexualidade e pelos padrões socialmente estabelecidos de feminino e masculino. Esses padrões socialmente são oriundos das representações sociais e culturais construídos a partir das diferenças biológicas dos sexos e transmitidos pela educação, o que atualmente recebe a denominação de relações de gênero. Essas representações absorvidas são referências fundamentais para a constituição da identidade da criança. (PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais – Pluralidade Cultural e Orientação sexual – Temas transversais – vol. 10, p. 118.)

A idéia de sexo reprimido, portanto, não é somente objeto de teoria. A afirmação de uma sexualidade que nunca fora denominada com tanto rigor como na época da "hipócrita" burguesia negociada e centralizadora é acompanhada pela ênfase de um discurso destinado a dizer a verdade sobre o sexo, a modificar sua economia no real, a subverter a lei que o rege, a mudar seu futuro. O enunciado da opressão e a forma de pregação referem-se mutuamente; reforçam-se reciprocamente. Dizer que o sexo não é reprimido, ou melhor, dizer que entre o sexo e poder a relação não é de repressão, corre o risco de ser apenas um paradoxo estéril. Não seria somente contrair uma tese bem aceita. Seria ir de encontro a toda a economia, a todos os "interesses" discursivos que a sustentam.

Foucault deixa bem claro: que não pretende afirmar que o sexo não tem sido proibido, bloqueado, mascarado ou desconhecido desde a época clássica; nem mesmo a forma que a partir daí ele o tenha sido menos do que antes. Não digo que a interdição do sexo é uma ilusão; e sim que a ilusão está em fazer dessa interdição o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do que foi dito o sexo a partir da Idade Moderna. Todos esses elementos negativos – proibições, recusas, censuras, negações - que a hipótese repressiva agrupa num grande mecanismo central destinado a dizer não, sem dúvida, são somente peças que tem uma função local é tática numa colocação discursiva, numa tática de poder, numa vontade de saber que estão longe de se reduzirem a isso. (Foucault, 1997, p. 17)

Além das práticas repressivas da sexualidade infantil, outras táticas eram praticadas com os pequenos de forma absurda, o trabalho, os castigos, surras,

bofetadas... que os contramestres infligiam aos pequenos poderiam revelar resistência. (Penteado, 1910).

Os maus-tratos foram tantos e tão freqüentes que, certa noite, as vítimas resolveram vingar-se. Reuniram-se em grupo e acoitaram-se num terreno baldio, localizado no trajeto que Casanova costumava percorrer (...). Local ótimo para o fim que almejavam: um campo ermo, com as trevas bastante densas, (...).

Quando perceberam que Casanova se aproximava, cambaleando, sob a ação do álcool, levantaram-se e descarregaram tamanha saraivada de pedras, pedregulhos e sacos de tijolos no gringo, que este se viu impotente e, aturdido e ferido, caiu gemendo com a cabeça rachada (...) (PENTEADO, 1962, 122-3)

No discurso operário, a questão do trabalho infantil assumia a dimensão de luta pela preservação do campo de trabalho do homem adulto, mas aquele que se preocupava, ao mesmo tempo refletia a preocupação de proteger as crianças contra a degeneração física e moral que assolava aquele ambiente, transformando a criança em objeto advinha da atividade fabril. Neste sentido, alguns grupos de movimento operário atuavam no sentido de enviar a criança como ser frágil, irracional, inocente, que deixaria ser moldado e preparado gradualmente para a vida adulta. (RAGO, 1983, p. 142)

A resistência das crianças no interior do processo de trabalho não se manifesta apenas na forma de deserção ou fuga do trabalho, no "freio" à produção nas prováveis brincadeiras não contadas que tomaram os contramestres tão furiosos e violentos sobre os meninos.

Se as transformações sociais que construíram novas formas de relacionamento e estilos de vida já se mostravam, nos anos 60, profundas e perturbadoras, elas se acelerariam ainda mais, nas décadas seguintes, passando a intervir em setores que haviam sido, por muito tempo, considerados imutáveis, trans-históricos e universais. As novas tecnologias reprodutivas, as possibilidades de transgredir categorias fronteiras sexuais, as articulações corpo-máquina a cada dia desestabilizam antigas certezas; implodem nações tradicionais de tempo, de espaço, de "realidade"; subvertem as formas de gerar, de nascer, de crescer, de amar ou de morrer.

Todas essas transformações afetam, sem dúvida, as formas de viver e de construir identidades de gênero e sexuais. Na verdade, tais transformações

constituem novas formas de existência para todos, mesmo para aqueles que, aparentemente, não as experimentam de modo direto.

Muitos consideram que a sexualidade é algo que todos nós, possuímos naturalmente. Aceitando essa idéia, fica sem sentido argumentar a respeito de sua dimensão social e política ou a respeito de seu caráter construído. A sexualidade seria algo “dado” pela natureza, inerente ao ser humano. Tal concepção se ancora no corpo e na suposição de que todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma. No entanto, podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente “natural” nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza. Através de processos culturais, definimos o que é – ou não- natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tomamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros – ou feminino ou masculino- nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com os marcos dessa cultura. As possibilidades da sexualidade – das formas de expressar os desejos e prazeres – também são sempre socialmente estabelecidos. As identidades de gêneros e sexuais são, portanto, compostos e definidos por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade.

Sem dúvida, não era a primeira vez na história que se investia sobre o corpo do homem. Sabe-se que desde a Grécia Antiga, o corpo, de uma forma ou de outra, foi (e é) alvo de interesse pelo homem. Porém, o século da racionalidade procurou produzir um tipo de indivíduo com um comportamento desejado pelo sistema de dominação capitalista emergente, fazendo nascer uma arte do corpo para sujeitá-lo.

### **Infância com des(a)fios**

Como sabemos, a infância é a fase decisiva na história de cada vida e que são as primeiras experiências que formam a base do caráter, do equilíbrio emocional e do sadio relacionamento interpessoal.

A criança ao nascer não é feita senão de carência e não possui nada de seus reflexos que lhe garantem a sobrevivência. Pois ainda não possui nenhum ponto de referência. É apenas um animal, com sensações, emoções e necessidades, além de

si está o nada e, além, um mundo imenso, com um aglomerado confuso de quadros de toda ordem. Fora de si mesmo estão as pessoas, as coisas, as normas, as técnicas, as instituições, um universo dentro do qual deverá se incorporar, sem perder a sua individualidade.

Então, com toda fragilidade, a criança depende do adulto, obedece e segue seus ensinamentos, um corpo desprotegido de saber, vulnerável caráter, que pode de uma forma ou de outra se levado a caminhos diversos, à miséria, a desestruturação familiar, a necessidade dos adultos, levam a criança a prática de delitos indesejados, a fim de suprir as carências de seu ser individualmente a favor de outros.

Esta fase de desenvolvimento tem períodos característicos, acontecimentos marcantes na fase da infância. (HADDAD, 2006). A primeira infância dá-se pela aquisição de marcha, ou seja, os primeiros passos da criança, o aparecimento da linguagem, o falar pela primeira vez, a descoberta da auto-identidade. Já a segunda, é marcada pela descoberta dos dois sexos, da realidade exterior, a fase da descoberta de ser menino e menina, essa transformação faz a criança sentir-se diferente, sem saber por que daquela fase, a realidade exterior, pela linguagem socializada pela socialização através dos companheiros. O conflito edipiano é a formação de uma consciência rudimentar. A grande conquista é a iniciativa. A terceira infância é a fase da escolarização, do desenvolvimento do pensamento lógico (curiosidades intelectuais intensas), do aparecimento do novo eu (o eu social), e a afirmação do "eu exterior". A maior aquisição dessa fase é o trabalho e a competência, que abordarei no terceiro capítulo desta monografia quando me aprofundarei da criança e sexualidade na escola e comunidade social.

Poder-se-iam citar outros focos que, a partir do século XVIII ou do século XX, entraram em atividades para suscitar os discursos sobre o sexo. Inicialmente, a medicina, por intermédio das "doenças dos nervos"; em seguida a psiquiatria, quando começa a procurar do lado da extravagância, depois do onanismo, mais tarde da insatisfação e das "fraudes contra a procriação", a etiologia das doenças mentais e, sobretudo, quando anexa ao seu domínio exclusivo, o conjunto das perversões sexuais; também a justiça penal, que por muito tempo ocupou-se da sexualidade, sobretudo sobre a forma de crimes "cropulosos" e antinaturais, mas que, aproximadamente na metade do século XIX se abriu à jurisdição muída dos pequenos atentados, dos ultrajes de pouca monta, das perversas sem importância,

enfim, todos esses controles sociais que se desenvolveram no final do século passado e filtraram a sexualidade dos casais, dos pais e dos filhos, dos adolescentes perigosos e em perigo – tratando de proteger, separar e prevenir, assinalando perigos em toda a parte, despertando as atenções, solicitando diagnósticos, acumulando relatórios, organizando terapêuticas; em torno do sexo eles irradiaram os discursos, intensificando a consciência de um perigo incessante que constitui, por sua vez, incitação a se falar dele. (FOUCAULT, 1997, p. 32)

No entanto, a descoberta do sexo, sexualidade nesta fase, neste período escolar, é bem presenciada, pelo fato do afeto, carinho da criança com o outro, uma amizade de confiança, cumplicidade entre eles.

## Capitulo III

### Expressões da sexualidade infantil na escola e comunidade

As palavras só têm significados na  
corrente do pensamento e da vida.

WITTGENSTEIN, 1989, p. 141

### CAPITULO III

#### EXPRESSÕES DA SEXUALIDADE INFANTIL NA ESCOLA E COMUNIDADE

Como vimos nos capítulos anteriores, venho abordando o tema a sexualidade infantil, estudando a sexualidade desde o século XVII ao XIX época de repressão própria das sociedades burguesas, como forma de disciplinar a vida do ser infantil, as sexualidades múltiplas a que aparecem com as idades (sexualidade do latente ou da criança). Nessa direção pretendemos reafirmar nossa convicção de que a noção de infância não é uma categoria natural, mas profundamente histórica e cultural, cabendo, assim, ressaltar que entre o pensamento filosófico, a infância, as ligações são estreitas e tão antigas como a própria filosofia (Gagnebin, 1997). A abordagem mostra tratar-se menos de um discurso sobre sexo do que de uma multiplicidade de discursos, produzidos por toda uma série de mecanismos que funcionam em diferentes instituições.

Isto vem sendo discutido por alguns filósofos, e deixando opção que possamos encontrar as possibilidades de se poder discutir diante da sociedade, principalmente escolar. Já que os pais, muitas vezes se recusam a admitirem de que o sexo existe e precisa de forma segura ser orientada para construirmos adolescentes e homens críticos.

O fracasso da família tornou-se uma questão nacional, que compromete não só o destino individual mas, sobretudo, o futuro do país. Ou seja, se não está cumprindo com o seu dever de educação, a intervenção oficial se faz, mais do que possível, necessária e legítima:

Entretanto, como pelas circunstâncias ainda infelizes do nosso país, a educação doméstica acha-se ainda atrasadíssima e extremamente viciosa, não há remédio senão exigir dos professores que cuidem desse ramo de seus discípulos com mais esmero e cuidado do que seria preciso no primeiro caso. (BOCAIUVA, 1986, p. 138)

O investimento ora na escola, ora na família, ou nas duas ao mesmo tempo sobre os infantes se fazia condição necessária pois é desta “brilhante mocidade” que ela espera sua salvação e prosperidade futura.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Antonio Nunes de GOUVEIA. Apud Jurandir Freire COSTA. Op. Cit., p. 193.

Neste terceiro capítulo, trataremos das expressões da sexualidade infantil na escola e na comunidade, como vem sendo discutido o sexo dentro e fora de casa, e o papel da escola neste investimento, além de algumas questões atuais que merecem reflexão.

As manifestações da sexualidade infantil mais frequentes acontecem na realização de carícias no próprio corpo, uma curiosidade sobre o corpo do outro, nas brincadeiras com colegas, nas piadas e músicas jocosas que se referem ao sexo, perguntas, ou ainda, na reprodução de gestos e atitudes típicos da sexualidade adulta.

No espaço doméstico, os familiares atribuem seus próprios valores e essas manifestações por meio das mais variadas posturas. Alguns reconhecem como legítimo o desejo da criança, outros consideram nocivo.

Essa manifestação também aconteceu no âmbito escolar e é necessário que a escola, como instituição educacional, se posicione clara e conscientemente sobre referências e limites com os quais irá trabalhar as expressões da sexualidade dos alunos. Se é pertinente ao espaço da escola o esclarecimento de dúvidas e curiosidades sobre a sexualidade, é importante que a escola contribua para que a criança discrimine as manifestações que fazem parte de sua intimidade e privacidade das expressões que são acessíveis ao convívio social.

As manifestações mais frequentes nos ciclos iniciais são a manipulação curiosa dos genitais e as brincadeiras que envolvam contato nas regiões genitais. A intervenção do educador nessas situações deve se dar de forma a apontar a inadequação de tal comportamento às normas do convívio escolar. Não se trata, portanto, de julgar tais manifestações, mas apenas de delimitar a uma inadequação do espaço da escola para efetivação. Cabe ao educador compreender, então, que não se trata de aberração que justifique informar os pais sobre tais fatos, devendo a própria escola estabelecer diretamente com seus alunos os limites para o que pode ou não ocorrer dentro dela. A chamada dos pais só se justifica quando foram práticas muito recorrentes e estejam interferindo nas possibilidades de aprendizagem do aluno.

É comum nesses ciclos a curiosidade sobre concepção e parto, relacionamento sexual ou AIDS. Muitas vezes a curiosidade se expressa de forma direta, outras vezes surge camuflada em brincadeiras erotizadas, piadas, expressões verbais, músicas, etc. Observa-se, também, que as crianças reproduzem

manifestações de sexualidade adulta vista na TV ou presenciadas. Cabe ao educador identificar essas expressões como curiosidades acerca dos aspectos relacionados à sexualidade e “intervir” pontualmente, permitindo que as dúvidas possam ser colocadas e o assunto possa ser tratado de forma explícita. A sexualidade está exatamente na encruzilhada do corpo e da população. Portanto ela depende da disciplina, mas depende também da regulamentação. (FOUCAULT, 1999, p. 300)

Além das observações feitas com o aluno, como uma de suas competências, a escola estará incluindo-o no seu projeto educativo a orientação sexual. Isso implica uma definição dos princípios que deverão nortear o trabalho de orientação sexual e sua explicação para toda a comunidade escolar envolvida no processo educativo. Esses princípios determinarão desde a postura que se deve ter em relação às questões relacionadas à sexualidade e suas manifestações na escola, até a escolha de conteúdos a serem trabalhados junto com os alunos. A coerência entre os princípios adotados e a prática cotidiana da escola deverá pautar todo o trabalho. E se é a sexualidade que articula o corpo com a população, é a norma que articula os mecanismos disciplinares (que atuam sobre o corpo). A norma se aplica tanto ao corpo a ser disciplinado quanto à população que se quer regulamentar, ela efetua as relações entre ambos, a partir deles mesmos, sem qualquer exterioridade, sem apelar para algo que seja externo ao corpo e a população em que está esse corpo.

Então, ao tratar do tema associado à tão grande multiplicidade de valores da articulação desse corpo, a escola deverá entender a necessidade de abrir um espaço para reflexão como parte do processo de formação constante de todos os envolvidos no processo educativo.

Pelo que vem sendo exposto, poderíamos dizer que a educação sexual surge, no século XX, trazendo em seu bojo, significativamente, as concepções médico-higieneistas que influenciaram profundamente a política educacional oficial no século XIX mesmo passando a ser uma reivindicação da sociedade civil organizada. Nasce a educação sexual, objetivando o combate à masturbação, às doenças venéreas e ao preparo da mulher para o papel da esposa e mãe, sempre com objetivos de “saúde pública” e de “moral sadia”, procurando assegurar-se a saudável reprodução da espécie. (FOUCAULT, 1992, p. 268.)

A contestação à educação sexual nas escolas também foi mencionada num livro de 1954, intitulado OBRAS COMPLETAS DO PADRE LEONEL FRANCA, SI.; o

capítulo XV: a formação da personalidade é sinalizador, o autor discute o que entende por "educação sexual" e coloca a quem, em sua concepção, caber o dever de propiciar esta educação para os infantis e os adolescentes. Nesta obra, em nome da moral e dos bons costumes, defende veementemente que a família cumpra esse papel orientador e não a escola, ou o estado enquanto poder público. Além de que a sexualidade aparece como um mistério a ser desvendado. Rosa Maria de Araújo argumenta:

Parece-nos de capital importância excluir qualquer iniciação sexual feita coletivamente nas escolas. Nos mistérios da vida quem deve iniciar os adolescentes são os pais. Só o lar reúne as condições psicológicas e morais para uma educação sadia e eficiente na matéria tão delicada (ARAUJO, 1993, p.312).

Essa matéria facilmente moldável, o Estado deveria preocupar-se em formar o caráter da criança, inculcando-lhe o amor ao trabalho, o respeito pelos superiores em geral, as noções de bem e mal, de ordem e desordem, de civilização e barbárie, enfim, os princípios de moral burguesa.

Por isso, tendo a família burguesa, como seu principal agente, a sociedade reprime a sexualidade do infante e do idoso particularmente as mulheres, de procurar um objeto de amor ou um substituto para aquele que foi perdido. Obriga-o com isso a tentar bastar-se a si próprio através da estimulação pessoal de seu corpo. Assim agindo, dentre outras coisas, desconsidera o fato de que também ela está apto para amar, já que, como nos diz a psicanálise, o sujeito em nenhum período de sua vida atinge a perfeição de sua vida sexual. Isso deixa margem a interferir-se que, na idade avançada, o indivíduo passa a amar eroticamente o outro com os meios que lhe são disponíveis e livre de condenação da sobrecarga sublimatória, em que os netinhos, preferencialmente, representam os objetos para os quais sua pulsão sexual deva se dirigir – o fato é que a sexualidade na pessoa idosa é quase sempre vista como aberrante, desviante. Mesmo em relação ao idoso de poses, que dá prova de sua capacidade sexual e reprodutiva e não faltam comentários ou dúvidas a provas de fatos. Se Freud mesmo diz que esquecemos nossa sexualidade do tempo de infância devido aos efeitos produzidos nela pela ação do recalque, por que negamos a do idoso se antes não fomos velhos? Seria por causa das dificuldades edípicas que impedem a admissão da existência da sexualidade entre um homem e uma mulher adultos que, afinal são meu pai e minha

mãe? Seria a necessidade de recobrir essa realidade com a mesma fantasia angelical que serve para negar a sexualidade infantil? (FREUD, 1970, p. 164)

Há um século, Freud revelou à ciência que a sexualidade humana se manifesta desde o início da vida. No entanto, as pessoas ainda relutam em aceitar essa evidência. A resistência ao conhecimento da sexualidade na infância parece caminhar lado a lado com aquela demonstrada em relação à sexualidade do idoso. Se as babás sabiam do erotismo nas crianças antes de Freud, como ele diz, os enfermeiros e enfermeiras também têm o conhecimento de sua existência entre os idosos a quem o cuidado lhes é confiado. (FREUD, p.164). Freud afirma que o excesso de coerção sexual, promovido pela continência é cada vez mais intensa exigência de sublimação, não trás maiores benefícios à coletividade (FREUD, 1970, p. 191), exatamente pela fatura que lhe é cobrada com a neurose individual.

Na infância, somos “máquinas” de fantasia, e na medida em que crescemos nossas fantasias mudam e geralmente tomam-se mais sexuais. Quando se aproxima a possibilidade de uma relação sexual, a mente dá lugar a desejos e imaginações ao que queremos através das fantasias. Isso porque desde muito cedo, temos a necessidade de fantasiar, seja em temas sexuais ou não. Para as crianças, o mundo de fantasias serve para dar melhores satisfações e intensidade àquilo que elas vivem. Como por exemplo, uma criança gosta de fantasiar um mundo mágico de seus brinquedos com “vida”, e viver melhor formas de comunicação na infância.

“Vivendo em sociedade, a criança aprende a planejar, direcionar e avaliar sua ação. Ao longo desse processo, ela comete alguns erros, reflete sobre eles e enfrenta a possibilidade de corrigi-los. Experimenta alegria, tristezas, períodos de ansiedade e de calma. Trata de buscar consolo em seus semelhantes. Não concebe a vida em isolamento” (DAVIS, 1999, p17). Porém, esse dispositivo tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, mover, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global.

Então a criança vai crescendo, também irá crescer o número de pessoas com quem ela terá contato; a escola é um destes contatos importantíssimos. É nela onde a criança irá ampliar os seus conhecimentos, cognitivos e sociais, desenvolvendo-se para encarar a vida.

Hoje, em nossa sociedade, a televisão e os outros sistemas de comunicação estão de uma forma mais presente em nosso lar. Esta presença chega a uma certa

forma a dominar algumas de nossas atitudes. Como por exemplo, a nossa forma de vestir-se, imitando determinado personagem de alguns programas preferidos.

Queira-se ou não, estas experiências comuns modificaram profundamente a relação entre os sexos e suas definições específicas, em benefício de uma igualdade maior, mas também, talvez, de uma certa semelhança fraterna. Por viver as mesmas situações, ambos os sexos aprenderam a reagir de uma forma semelhante. Quando não atendemos aos desejos da sociedade temos que enfrentar toda a sua força para entrarmos pelo espaço que desejamos; ou então, reprimimos desejos que por força da sociedade não se pode sentir.

Porém, a sexualidade se inscreve num contexto cultural, em que a religião é um fator importante no estabelecimento de normas e preceitos que visam a negar o comportamento sexual. Todas as religiões em todas as épocas, procuraram determinar os limites da sexualidade humana. Mas é preciso relativizar a influência das religiões no domínio da vida sexual, tendo-se em conta que os poderes políticos têm utilizado os preceitos religiosos para fixar os padrões que servem seus desígnios. (WEREBE, 1998, p. 56)

É na comunidade escolar, que a criança dá seus primeiros passos, exemplo, o namoro surge muitas vezes na infância, mas neste caso, as crianças namoram de forma diferente dos adolescentes, jovens e adultos. Porém, também existem jogos sexuais característicos da infância. É um namoro de brincadeiras que surge no colégio, na rua, no bairro, com os primos, com beijinhos no rosto ou às vezes na boca.

Tanto meninos quanto meninas sentem curiosidade e atração sexual, de acordo com sua idade. Eles procuram as revistas dos pais velhos, sejam eles seus pais, irmãos, olham pela fechadura, olha um irmão namorando, têm as novelas que mostram, beijam a parede, a boneca, etc. A atração sexual é característica da idade, não necessariamente uma relação em si.

Na adolescência, esta curiosidade e atração se intensificam que é o período em que o corpo está em fase de mudanças. Nesta fase ocorre o primeiro namoro, primeiro beijo, primeiro amor. É uma fase de descobertas. É muito mais comum o "ficar" que o próprio namorar.

## Eles querem falar de sexo?

Enfim, estamos lado a lado com nossas crianças, consumindo sexo por meio de revistas, filmes, programas infantis ou não, por meio da música e da dança e, às vezes, paralisamos desconcertados quando elas nos abordam diretamente sobre o tema “sexo” que é sempre assumido como “assunto delicado, melindroso e difícil”.

Por que tanto constrangimento por parte dos adultos? Por que tanta vergonha e falta de estratégias para reagir às perguntas e manifestações da sexualidade infantil? Por que reações omissas ou mentirosas que vão do “fingir que não ouve e vê” a ameaça de que a criança vai “se machucar ou pegar bichinhos e sujeira se colocar a mão lá ou se beijar na boca”? Como falei no segundo capítulo (BORGES 47-48), p. 17 da monografia.

O que se diz sobre o sexo não deve ser analisado como uma simples tela de projeção desses mecanismos de poder. É justamente no discurso que vem a se articular poder e saber. E, por essa mesma razão, deve-se conceber o discurso como uma série de segmentos descontínuos, cuja função tática não é uniforme nem estável. Mas precisamente, não se deve imaginar um mundo de discurso excluído, ou entre o discurso dominante e o dominado, mas ao contrário, como uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes.

Mas, por enquanto, a tal da “naturalidade” parece só estar presente quando a sexualidade aparece compartilhada no espaço público ou quando nos referimos à ela associada a palavras ou em conversas “safadas”.

No espaço privado, na intimidade, na hora de palavras bonitas e conversas carinhosas, que o olho no olho com nossas crianças pedem, nos desconcertamos, nos fragilizamos e nos confundimos, denunciando como esse é ainda um assunto difícil, delicado e que trás a tona lembranças de nossas próprias vivências infantis mal conduzidas e mal resolvidas, que misturam medo com prazer, curiosidade com castigo, desejo com culpa... Presas vulneráveis e fáceis para manipulações, somos nós... (TOGNOZZI, p. 48-49)

Os discursos, como o silêncio, nem são submetidos de uma vez por todas o poder, nem opostos a ele. É preciso admitir em jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, ponto de resistência e ponto partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder, reforça-o mas também o expõe, debilita e permite

barrá-lo. Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão guariba ao poder, fixam suas interdições, mas, também, afrouxam seus laços, e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras.

Estas crianças e adolescentes estão descobrindo a sexualidade e os limites do próprio corpo. Veja uma pergunta de uma criança, feita a professora na sala de aula: "Professora, por que a minha xexeca pisca quando eu vejo um homem e uma mulher se beijando na televisão?"<sup>8</sup>

Esta é uma pergunta feita por uma aluna de oito anos, para a orientadora sexual Dilma Lucy de Freitas durante uma aula, isso poderia provocar diversas reações na professora, se ela mostrasse espanto e indignação, por exemplo, as crianças deduziriam que sentir essas coisas deve ser normal. Se fingisse não ter escutado, os pequenos achariam que é melhor não falar sobre o corpo (e mais tarde, sobre a sexualidade). Dilma respondeu que o corpo recebe estímulos: um cheiro gostoso de comida faz a gente sentir vontade de comer e um vento frio faz a pele arrepiar. Do mesmo modo, algumas imagens (como o casal que se beija) estimulam os órgãos sexuais e por isso a vagina se contrai ("pisca"). A aluna satisfeita com a informação, foi brincar.

Desde bebês, sentimos o prazer de tocar o próprio corpo e descobrir as diferentes sensações que ele nos proporciona. Fingir que as crianças não passam por esse processo é negar a corporeidade. O sexo é parte da vida das pessoas (alias, uma parte importante e muito boa) e é por essa razão que a escola e a família devem ajudar a construir nos pequenos uma visão sadia e sem preconceitos. "Esse é um tema que envolve sentimentos desejos e, portanto, não pode ser abordado só com explicações sobre o funcionamento do aparelho reprodutor e palestras médicas. A orientação sexual deve ser feita com afeto". Afirma Antônio Carlos Egypto, psicólogo e coordenador do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (GTPOS), em São Paulo.

O constrangimento dos pais ao tratar do assunto aumenta a falta de informação dos jovens e faz com que a escola se torne o principal espaço de educação sexual (vale lembrar que a orientação sexual é um dos temas transversais previstos nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN). Nesta reportagem, você vai encontrar histórias como a de Dilma –que ocorrem diariamente nas salas de aula do país – e saber como lidar com essas inquietações das crianças. Nos quadros que

---

<sup>8</sup> Nova Escola – 2006 – Educação sexual

acompanham cada caso, a educadora sexual Maria Helena Vilela, do Instituto Rapan, em São Paulo, sugere algumas boas práticas para adotar em casa e na escola. São dicas para todos os professores – de qualquer área do conhecimento – trabalharem com os estudantes no dia-a-dia e também para os pais e mães interessados na formação de seus filhos. Se a escola tiver um programa de educação sexual vale a pena conversar com os familiares sobre ele<sup>9</sup>.

Por que o investimento na escola? Ao atingir a família, núcleo base da sociedade ocidental, atingia-se o corpo social. Porém, a educação médico-terapêutica familiar não correspondeu de maneira satisfatória a toda a prescrição de higiene. Qual a alternativa? Chega à criança através da educação escolar. Por causa de um certo “fracasso” da família no cumprimento da formação dos filhos, se fazia necessária outra instituição captadora e “construtora” de cidadãos – a escola aparece como outra possibilidade de inclusão dos preceitos higienistas. (COSTA, 1979, p. 204)<sup>10</sup>

Além das observações higienistas, a família vinha sendo obras de críticas também por parte de homens públicos, em relação à educação de seus filhos, , a exemplo de políticos como Quintino Bocaiúva<sup>11</sup> que embora se identificasse com algumas idéias positivistas, defendia as idéias liberais-democráticas.<sup>12</sup>

Como se vê, o clamor pela reforma educacional vinha sendo feito. O educar era atacado pelos ideólogos do Estado agrário nacional, em consonância com os preceitos da higiene. Assim como Bocaiúva, Leôncio de Carvalho também comparecia em suas críticas à família patriarcal, que não vinha correspondendo a necessidade política de construção de um Estado moderno. Leôncio de Carvalho<sup>13</sup>. Conforme Jurandir Freire Costa, em seu discurso de defesa do ensino obrigatório,

<sup>9</sup> Lei o quadro da página 27, da Nova escola 2006. Veja também a melhor postura em aulas sobre sexualidade (pág. 24) e como a orientação sexual para os alunos com deficiência (pág. 28). (Nova Escola, 2006).

<sup>10</sup> Para Jurandir Costa, o método utilizado pela higiene não difere muito do método dos jesuítas. O aparelho disciplinar jesuítico foi para os colégios o que o dispositivo militar foi para as cidades. Os elementos básicos da redução jesuítica dos homens encontravam-se na educação higienista da infância. As técnicas de adestramento de um outro método assemelhavam-se. Tanto a escolha da criança como meio de atingir os adultos, quanto o uso do corpo como via de acesso ao espírito eram idênticos. Os fatores responsáveis pelo sucesso educativo dos jesuítas foram, talvez os mesmos responsáveis pela eficiência da educação médica. p. 2004

<sup>11</sup> Quanto a essa questão ver a introdução de Eduardo Silva ao livro Idéias Políticas de Quintino Bocaiúva: cronologia, introdução, notas bibliográficas e textos relacionados por Eduardo Silva- Brasília, Senado Federal. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986, p. 55, V. I.

<sup>12</sup> Quintino Bocaiúva. Idéias Políticas de Quintino Bocaiúva: cronologia, introdução, notas bibliográficas e textos relacionados por Eduardo Silva- Brasília, Senado Federal. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986, p. 136, V. I.

<sup>13</sup> Ministro dos negócios do Império, na República.

registrava no nível parlamentar a mesma luta do Estado contra a família patriarcal antiga. (COSTA, 1979, P. 193)

Todos esses elementos higienistas, nos impõe uma forma de evitar falar do sexo, a família deixando sua responsabilidade de educar omitindo as perguntas e jogando para a escola resolver o problema de sexualidade.

Sob o tema geral de que o poder reprime o sexo, como na idéia da lei constitutiva do desejo, encontram-se a mesma hipotética mecânica do poder. Ela é definida de maneira estranhamente limitativa. Primeiro, porque se trataria de um poder pobre em seus recursos, econômicos em seus procedimentos, monitório na tática que utiliza, incapaz de intervenção e como que condenado a se repetir sempre. Em segundo lugar, porque o poder que só teria a potência do “não” incapacitado para produzir, apto apenas a colocar limites, seria essencialmente anti-energia, essa seria o paradoxo de sua eficácia: nada poder, a não ser levar aquele que sujeita a não fazer senão o que lhe permite. Enfim, porque é um poder cujo modelo seria essencialmente jurídico, centrado exclusivamente no enunciado da lei e no funcionamento da interdição. Todos os modos de dominação, submissão, sujeição se reduziriam, finalmente, ao efeito de obediência. (FOUCAULT, 1997, p. 83)

Segundo Foucault, deixa falar para melhor controlar, o que significa reprimir, assim regula-se o “irracional sexual”. Século XX.

(...) passar-se-ia das interdições sexuais imperiosas a uma relativa tolerância a propósito das relações pré-nupciais; a desqualificação dos perversos teria sido atenuada e, sua condenação pela lei, eliminada em parte; ter-se-iam eliminado, em parte, os tabus que pesavam sobre a sexualidade das crianças. (FOUCAULT, 1992).

Essa abordagem deve facilitar às crianças maior contato, conhecimento e apropriação de seu próprio corpo; a partir daí propiciar a extensão desse conhecimento para o corpo em transformação do adolescente e o corpo do adulto, destacando então as potencialidades reprodutivas e afetivas. (PCN, p. 142)

Em todo o caso, a hipótese de um poder de repressão que nossa sociedade exercia sobre o sexo e por motivos econômicos, revela-se insuficiente se for preciso considerar toda uma série de reforços e de intensificações que na primeira abordagem manifesta: proliferação de discursos, e discursos cuidadosamente inscritos em exigências de poder; solidificação do depósito sexual e constituição de

dispositivos susceptíveis, não somente se isola-lo, mas de solicitá-lo, constituí-lo em foco de atenção, de discurso e de prazeres; produção forçosa de confissão e, a partir dela, instauração de um sistema de saber legítimo e de uma economia de prazeres múltiplos. Muito mais do que um mecanismo negativo de exclusão ou de sujeição, trata-se da colocação em funcionamento de um rede sutil de discursos, saberes, prazeres e poderes; não se trata de um movimento obstinado em afastar o sexo selvagem para alguma região obscura e inacessível mas, pelo contrário, de processos que disseminam na superfície das coisas e dos corpos, que o excitam, manifestam-no, fazem-no falar, implantam-no no real e lhe ordenam dizer a verdade: todo um cintilar visível do sexual refletido na multiplicidade dos discursos, na obstinação dos poderes e na conjugação do saber com o prazer. (FOUCAULT, 1997, p. 70-71)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises e reflexões empreendidas no decorrer da pesquisa permitiram-nos perceber a força do poder da linguagem na constituição da história e, particularmente, da elaboração de uma rede discursiva em torno da sexualidade infantil. Este tema refere-se às questões físicas e biológicas, ou seja, transformações no corpo, bem como afetivas, emocionais, psicológicas, que fazem parte da subjetividade do ser humano. A sexualidade não está ligada somente aos órgãos genitais - mas a todo o corpo e comportamentos.

Como vimos no decorrer deste trabalho, a educação sexual escolar surge marcadamente por práticas médico-higienistas influenciadas pela medicina surgida na Europa no século XVIII. Sem dúvida, esta força não é a mesma daquele século XIX, mas está presente na escola, de uma forma ou de outra, até os nossos dias. A escola ainda resiste nesses papéis sexuais, pune os “delitos”, dita e transmite preceitos da higiene de forma científica, sem discutir questões sócio-político-econômicas que provocam a “falta de higiene” de seus educandos.

A escola ainda constitui este espaço de poder quando se fala do sexo, porém, valorizando-o como o segredo – fala de sexo de maneira (re)velada. A educação sexual escolar informa como deve se comportar os meninos e meninas de acordo com cada função adequada, como aquilo que é certo e errado. A sexualidade é uma questão da própria sociedade, uma questão de cidadania, mas às vezes não é tratada dessa forma. Neste sentido, a educação sexual escolar deve propiciar uma reflexão voltada para as múltiplas manifestações da sexualidade humana: o sexo, os desejo, o medo, o amor, o corpo biológico, o corpo social, o corpo cultural, a paixão, a sensibilidade, os papéis sociais/sexuais.

A educação sexual é antes de tudo Educação e, como Educação, tem o papel de provocar mudanças. Alunos, professores e/ou educadores podem juntos buscar construir um conhecimento sobre sexualidade humana para darem, ou não, novos significados às suas vivências. Necessariamente, não deve existir um agente, dentro da escola como o professor de ciências... etc., explanando sobre sexualidade, apesar que o trabalho sexual deve ser pensado numa perspectiva interdisciplinar, pensando a partir da coletividade.

É imprescindível discutir sobre a sexualidade, hoje, as várias formas de práticas que nos deparamos no nosso dia-a-dia, o descaso por parte das instituições escolares dificulta nossa maneira de agir. Analisar o presente de forma crítica e

assim se repensar o lugar da educação sexual escolar, refletir e questionar preconceitos, tabus, interditos e valores postos.

Por fim, a análise apresentada não dar conta de todas as questões que poderiam ser suscitadas sobre a temática "sexualidade infantil", mas sim, contribuir para se (re)pensar as práticas de Educação [sexual] escolar, como vem sendo desenvolvida e por quem. As lacunas na monografia são muitas, mas olho para a mesma e nos sentimos orgulhosos de saber que foi uma contribuição singela, mas significativa, aos estudos sobre a sexualidade. Talvez a escrita deste trabalho seja a escrita de nossas próprias sexualidades, interditadas e vigiadas durante a nossa infância.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Maria Inês. *Da sexualidade na Terceira Idade ou do não envelhecimento do desejo*.

ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro Republicano*. Rio de Janeiro, Rocco, 1993.

ARIÈS, Philippe. *Historia social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1983.

A revista de quem educa – Nova escola. Educação sexual, 2006.

BOCAIUVA, Quintino. *Idéias políticas de Quintino Bocaiúva*. Cronologia, introdução, notas bibliográficas, textos selecionados, por Eduardo Silva, Brasília, Senado Federal; Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, V. I. 1986 (Ação e Pensamento da República).

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa, Difel, Editora Bertrand Brasil, 1989. (Memória e Sociedade).

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, Senado, Centro Gráfico, 1988.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural, orientação sexual/ Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997, 164 p.*

BURITI, Iranilson. *Fora da higiene não há salvação: a disciplinarização do corpo pelo discurso médico no Brasil Republicano*. In: *Mneme – Revista de Humanidades*. v.4 - n.7 - fev./mar. de 2003.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979.

DIAS, Maria Luiza – Psicóloga e pós-graduanda em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de S. P. Coordenadora de Laços – Núcleo de estudos e Reciclagem da família Moderna. 1992. Coleção Polemica. 1ª Edição. *Vivendo em família relações de afeto e conflito*.

ERIK, H. Erikson – *Identidade juventude e crise – Infância e Sociedade*. 2ª edição – Zahar editores. Rio de Janeiro.

FERREIRA, Aurílio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1986.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: vontade do saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1990.

\_\_\_\_\_, *Historia da sexualidade II: O uso dos prazeres*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 5ª ed. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_, *Microfísica do Poder*. Org. e trad. De Roberto Machado. 10ª ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1992.

\_\_\_\_\_, *Historia da sexualidade III: o cuidado de si*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 4ª ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.

\_\_\_\_\_, *Vigiar e Punir, história da Violência nas prisões*. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. 11ª. Petrópolis, Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FREUD, Sigmund. *O Inconsciente* (1915). Rio de Janeiro, Imago Editora, Edição Standard Brasileira, volume XVI, 1970.

\_\_\_\_\_, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Ensaio II – *A sexualidade infantil*. Rio de Janeiro, Imago, Edição Standard Brasileira, volume VII, 1970.

GTPOS, Abia, Ecos. *Guia de orientação sexual: diretrizes e metodologia*. Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual, Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids, Centro de Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana. São Paulo. Editor Casa do Psicólogo, 1994.

\_\_\_\_\_, *Sexo se aprende na escola*. São Paulo, Pingo Olho D'água, 1995.

HADDAD, Ibrahim. *As coordenadas do pensamento pedagógico – educacional de Rui Barbosa*. Editora Bertrand Brasil, 1992.

KAGAN, Jerome – Universidade de Harvard. *Desenvolvimento e Personalidade da criança*. 4ª edição.

Ministério da Educação/Ministério da Saúde. *Portaria Intemacional nº 796*, de 29 de maio de 1992.

MUSSEN, Paul Henry. *Desenvolvimento e Personalidade da criança*. 4ª edição. Universidade da Califórnia – Berkeley. São Paulo: Bogotá. 1997.

BONATO, Nailda Marinho da Costa – *Educação [Sexual] e sexualidade: o velado e o aparente*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestrado em Educação, 1996. Dissertação.

Paraíba. Universidade Estadual. Pró-Reitoria de Integração e Desenvolvimento Estadual. Pró-Reitoria de Ensino de Graduação. Curso de Pedagogia em Serviço. Coletânea de textos didáticos / UEPB – Campina Grande, 2003. V. XIII.

PCN. Convívio Social e Ética; orientação sexual. Versão preliminar. Nov., 1995 (Mimeo).

PENTEADO, Luís T. Jacob. *Belezinho, 1910 (Retrato de uma época)*. São Paulo: Martins, 1962.

*Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental*. Documento introdutório. Nov., 1995. (Mimeo).

RAGO, Margareth – *Do cabaré ao lar*. A utopia da cidade disciplinar – Brasil 1889 – 1930. 2ª edição – Paz e Terra, 1983.

TOGNOZZI, Maria Fernanda F. Borges. A Sexualidade no cotidiano da escola infantil: o que fazer com ela?